

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

AFRICATARINA – AÇÃO AFIRMATIVA E INCLUSÃO SOCIAL

Lívia Wiprich Dorval Gonçalves

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas, sob a orientação do Professor Doutor Pedro Martins.

Florianópolis, junho de 2008.

AFRICATARINA – AÇÃO AFIRMATIVA E INCLUSÃO SOCIAL

Lívia Wiprich Dorval Gonçalves

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo conhecer as ações do grupo Africatarina, o resgate de sua história, uma maior compreensão de seus projetos, seus valores, sua missão e sua relação com a comunidade. Para uma maior compreensão do trabalho do Africatarina foram feitos na presente pesquisa alguns esclarecimentos que ajudam a compreender a funcionalidade das ONG's em geral. As reflexões sobre o trabalho do grupo africatarina tem como embasamento teórico os conceitos de cultura no sentido antropológico, manifestações expressivas, tradição, costume e empoderamento. Estes conceitos servem de subsídios para a compreensão do objeto da pesquisa. Permitem seguir uma direção que dá conta de analisar o grupo Africatarina. A abordagem feita foi qualitativa, por ser a opção mais coerente como objeto de estudo. A pesquisa qualitativa permitiu uma compreensão das especificidades das ações do Africatarina. Durante a pesquisa de campo foram observadas diversas atividades do grupo, como oficinas, reuniões, ensaios, entre outros. Foram feitas também entrevistas com fundadores, crianças e adolescentes que participam dos projetos. Missão do grupo Africatarina é arte-educação em ação social comunitária, a ONG Africatarina proporciona oportunidades para diversos jovens através de um trabalho pautado na criatividade, aquisição do conhecimento, disciplina e diversidade cultural, étnica e social.

Palavras-chave: Africatarina, manifestações expressivas, empoderamento.

ABSTRACT

This work aims to understand the actions of the group Africatarina, the redemption of its history, a greater understanding of its projects, its values, its mission and its relationship with the community. For a better understanding of the work of Africatarina were made in this search some clarifications that help you understand the functionality of NGOs in general. The reflections on the work of the africatarina group has a theoretical basis on concepts of culture in the anthropological sense, expressive demonstrations, tradition, custom and empowerment. These concepts serve as subsidies for understanding the object of the search. They follow a direction that gives an account of the review group Africatarina. The qualitative approach was made, because it would be more consistent as an object of study. The search led to a qualitative understanding of the specific actions of Africatarina. During the search of field were observed various activities of the group, such as workshops, meetings, tests, among others. Interviews were conducted with founders, children and adolescents who participated in the projects. The mission of the group Africatarina is art and education in social action community, the NGO Africatarina provides opportunities for various youth through a work based on creativity, acquisition of knowledge, discipline and cultural diversity, ethnic and social.

Keywords: Africatarina, expressive demonstrations, empowerment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO I	
SUBSÍDIOS PARA COMPREENSÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	13
CAPÍTULO II	
A AÇÃO DO AFRICATARINA: AÇÃO AFIRMATIVA E INCLUSÃO SOCIAL.....	26
CAPÍTULO III	
REFLEXÕES SOBRE O AFRICATARINA	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
BILBIOGRAFIA CITADA.....	49

INTRODUÇÃO

Este texto trata do trabalho feito pelo Grupo Africatarina, de sua história, suas atividades e reflexões sobre o grupo que um trabalho de ação afirmativa e inclusão social.

Fiz a opção por este tema, pois, sou aluna do curso de Licenciatura em Educação Artística, com Habilitação em Artes Cênicas, e tenho experiência como professora de Artes do Estado de Santa Catarina. Conhecendo a realidade desse tipo de educação, percebi vários fatores que dificultavam o trabalho do professor de artes nessas instituições, como a falta de espaço físico adequado nas escolas, as turmas lotadas e o tempo de aula que é muito curto, o que torna difícil o desenvolvimento de trabalhos artísticos. Para esta monografia de conclusão de curso escolhi pesquisar sobre O Grupo Africatarina, uma organização não governamental, por conhecer e admirar o trabalho do grupo e acreditar que instituições como esta, que atendem seu público de forma gratuita, assim como as escolas públicas, têm uma maior eficácia, conseguindo fazer com que seus participantes não sejam apenas alunos, mas artistas e atores sociais.

O Africatarina é uma importante iniciativa no âmbito de trabalhos sociais em Santa Catarina. Fundada por Fátima Lima, professora da Universidade do Estado de Santa Catarina, e Edson Roldan, mais conhecido como Edinho, que é músico e na época da fundação do Africatarina era também mestre de bateria do bloco de carnaval Rastafari. O Africatarina surgiu quando o casal percebeu que havia muitas crianças na rua. Esta percepção aconteceu no centro da cidade onde Edinho fazia os ensaios do bloco, mais precisamente no Largo da Alfândega. Enquanto os instrumentos eram afinados ele percebia uma grande quantidade de crianças de rua no local. Primeiro Edson Roldan teve a idéia de montar uma oficina de percussão com os instrumentos do bloco, porém isto não foi possível, Surgiu então à idéia de montar o projeto *Africatarina de Arte-Educação*, com o objetivo de ensinar, pesquisar, valorizar e divulgar as artes e a cultura afro-brasileiras.

O grupo iniciou em 2001 com um projeto piloto e em 2002 passou a fazer parte de um programa de extensão da Universidade do Estado de Santa Catarina. Esse programa permaneceu até 2005, quando Fátima Lima, fundadora do Grupo, se afastou para o doutorado. Atualmente o grupo funciona como ONG e atua nas comunidades da Lagoa do Peri e Armação, bairros do Sul da Ilha de Santa Catarina, onde oferece oficinas de percussão

e Boi-de-Mamão para crianças e adolescentes. Há também um grupo de jovens que, divididos em equipes e orientados por Fátima Lima, trabalham para a execução de seus próprios projetos. Desde o ano de 2004, especialmente a partir do mês de dezembro, o *Africatarina* despende muito de seus esforços montando o bloco de carnaval. O bloco já está no seu quinto ano de atuação e é o terceiro ano que recebe financiamento da Prefeitura de Florianópolis. Com o dinheiro o grupo compra o material necessário para fazer as camisetas e o lucro da venda é sempre revertido para o Grupo.

Para uma maior compreensão da ONG aqui analisada realizei um levantamento bibliográfico sobre ONG's em geral. As ONG's são organizações não governamentais, criadas pela sociedade civil sem fins lucrativos, que tratam de assunto de interesse público. Nem empresa, nem governo, mas cidadãos de modo espontâneo participando de ações que visam ao interesse coletivo. Segundo Coelho (2002: 81), uma organização tem que se enquadrar em determinadas características e cumprir uma série de exigências burocráticas quando deseja se registrar como uma entidade sem fins lucrativos.

Muitas pessoas trabalham nessas instituições de forma voluntária. Em geral são motivadas por um desejo profundo de ajudar, acreditando na criação de uma sociedade mais justa e esclarecida. Essas organizações podem atuar em várias áreas como saúde, educação, meio ambiente, combate à pobreza e outras.

As ONG's, atualmente, desempenham um papel social importante num contexto em que os recursos são bastante escassos e a competição acentuada. Essas entidades são bastante eficazes na execução de políticas sociais, melhoram a qualidade de vida de pessoas e buscam o exercício da cidadania e democracia.

Na revisão bibliográfica utilizei também como base um artigo sobre o *Africatarina*, *Do A ao Africatarina, do teatro à ação social, histórias de arte e de vida*, neste texto a autora Lima (2005), conta um pouquinho da história do *Grupo A de Teatro e Atividades Artísticas* e logo após fala da ONG *Africatarina*, que tem seu registro burocrático feito a partir do *Grupo A*, ambos fundados por Fátima Lima.

O objetivo deste trabalho foi o de conhecer os princípios que norteiam a ONG *Africatarina*. Para isto realizei o resgate da história do grupo, de seu surgimento até os dias atuais, tomando conhecimento dos objetivos alcançados, das atividades promovidas atualmente, melhor compreensão da relação aluno professor, como estes se vinculam à instituição e como a ONG faz para se manter.

Além das motivações citadas anteriormente outros fatores determinaram a escolha do tema, como o fato de terem aumentado as iniciativas de projetos no âmbito social e o fato dos

registros e estudos teóricos sobre o assunto ainda serem poucos. Além disto, esta pesquisa proporciona à ONG *Africatarina* uma reflexão sobre suas atividades e filosofia de trabalho. A experiência de fazer este trabalho contribuiu muito para minha formação, já que a área de cultura e arte educação em projetos sociais é do meu interesse. Assim, várias idéias já existentes foram clareadas e outras surgiram.

A análise do trabalho do *Grupo Africatarina* foi feita a partir de alguns conceitos que serão discutidos a seguir. Estes conceitos, levantados a partir da revisão bibliográfica, deram uma direção, permitiram seguir um caminho um caminho que dá conta de analisar este fenômeno. Alves - Mazzotti observa, em seu artigo sobre revisão bibliográfica:

É importante lembrar, ainda, que a utilização de conceitos ou constructos pertencentes a teorias diversas para dar conta da complexidade dos fenômenos observados em um estudo requer cautela. Ao se valer de mais de uma vertente teórica para interpretar seus resultados, é necessário que o pesquisador esteja seguro de que as teorias utilizadas, das quais muitas vezes tomou apenas parte, não apresentam, em sua globalidade, contradições entre seus pressupostos e relações (2006: 32).

Um destes conceitos é o conceito de cultura no sentido antropológico. De acordo com Damatta (1986), a cultura equivale a um conjunto de regras que pode classificar o mundo, ou seja, uma forma de interpretação da vida social. É como se cultura fosse um código através do qual as pessoas de um determinado grupo pensam, classificam, estudam e modificam a si mesmas e ao mundo. É como se fosse uma regra que permite que os indivíduos se relacionem entre si e o grupo com o ambiente em que vivem.

Neste sentido todas as formas de cultura são equivalentes. Não podemos comparar qual sociedade é menos culta ou mais culta, podendo ser a cultura um bom instrumento para compreender a diferença entre os homens, já que neste sentido não há homens sem cultura, o que permite que hierarquias sejam deixadas de lado. Como coloca Damatta,

Daí falarmos que Fulano é mais culto que Sicrano e distinguirmos formas de “cultura” supostamente mais avançadas ou preferidas que outras. Falamos então de “alta cultura” e “baixa cultura” ou “cultura popular”, naturalmente as formas sofisticadas que se confundem com a própria idéia de cultura. Assim teríamos a *cultura* e culturas particulares adjetivadas (popular, indígena, nordestina, de classe baixa, etc.) como formas secundárias, incompletas e inferiores da vida social. Mas a verdade é que todas as formas culturais são equivalentes ou todos as “subculturas” de uma sociedade são equivalentes e, em geral,

aprofundam algum aspecto importante que não pode ser esgotado completamente por uma outra “subcultura” (1986: 124).

O conceito de cultura no sentido antropológico, como coloca Laraia (1993), foi definido pela primeira vez por Edward Taylor. Para Laraia, ele procurou, além de definir o conceito, demonstrar que cultura pode ser sistemática, sendo todo comportamento aprendido, tudo aquilo que independe da transmissão genética. Laraia completa ainda explicando que o homem é resultado do meio cultural em que vive, reflete o conhecimento e experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. Este patrimônio pode ser manipulado, provocando inovações, basta o homem ter o material que permita exercer sua criatividade.

O próximo conceito a ser utilizado é o de empoderamento. Embora ele seja bastante usado no contexto de ONG's que estão preocupadas com a promoção da saúde, este conceito se adapta muito bem ao trabalho do Africatarina. Não encontrei uma origem bem definida para este conceito, mas de acordo com Elsen et al (2006) o conceito de empoderamento é de origem inglesa, tem raízes nas lutas pelos direitos civis, no movimento feminista e na ideologia de ação social, e existe atualmente para afirmar o direito à cidadania sobre variadas esferas sociais como: saúde, educação e ambiente físico.

O empoderamento é um processo através do qual pessoas tomam conhecimento do ambiente em que vivem, participando de forma democrática de mudanças pessoais e sociais, possibilitando agir e exercer influência sobre organizações e instituições que afetam a sua vida e a vida das comunidades. Para isto é necessária certa organização que permita uma reflexão sobre situações concretas do dia-a-dia, tanto a nível pessoal quanto comunitário, possibilitando uma transformação e reinvenção do cotidiano. Como afirma Amâncio,

Compreender que as necessidades poderão ser satisfeitas à medida que o grupo se tornar mais coeso, mais solidário e mais reflexivo são caminhos possíveis onde esses indivíduos começam a dimensionar suas próprias potencialidades e limites [2005: 01].

O terceiro conceito utilizado é o de manifestações expressivas. Segundo Martins (2007) estas manifestações são um instrumento de inserção social. Na pesquisa que realizou entre imigrantes cabo-verdianos em Portugal, constatou que as manifestações expressivas podiam ser encontradas em seis eixos, como música, dança, artes visuais, estética corporal, indumentária e gastronomia. Entretanto define manifestações expressivas como “todas as

manifestações capazes de exprimir uma forma de conteúdo estético aliado a qualquer conteúdo identitário” (Martins, 2007: 02). Contribuem na adaptação do imigrante ao novo contexto, servindo como estratégia de reconstrução da identidade, tanto pessoal quanto social.

A estética, neste sentido, é um elemento cultural, sendo sempre produto do contexto social onde é gerada, e é na passagem do contexto de origem para o contexto de acolhimento do imigrante que há uma ressignificação e reinvenção da estética. As manifestações expressivas, no contexto da pesquisa realizada por Martins, tiveram suas transformações divididas em ciclo curto e ciclo longo.

No primeiro caso, o ciclo curto, a reconstrução da identidade é feita através de práticas tradicionais do local de origem, porém com algumas modificações. Já no ciclo longo são incorporadas práticas não tradicionais desenvolvidas pelos imigrantes e seus descendentes, porém com o mesmo propósito, como é o caso do hip hop. Conjunto de manifestações expressivas representadas pelo rap, break dance e o grafite, com temas desenvolvidos por jovens, a maioria moradores de bairros periféricos, retrata o hip hop sua condição de pobreza, falta de oportunidade e envolvimento com a violência.

Embora haja relatos de integração bem sucedidas, os caminhos ainda são muito difíceis e estas transformações estéticas, de acordo com Martins (2007), são estratégias de integração e amenização das barreiras que impedem a população migrante de encontrar seu espaço no novo contexto. Deve-se concluir então que a estética corresponde sempre ao contexto onde é gerada e faz parte do processo cultural de qualquer população, migrante ou não.

Neste trabalho de pesquisa optei por uma abordagem qualitativa. Esta opção decorre da compreensão de que a abordagem qualitativa é a opção mais coerente com o objetivo do estudo, que dá ênfase às especificidades em termos das origens e da razão de ser (Haguette, 1995:63) da ONG Africatarina. De acordo com Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (2001: 21-22).

Durante a pesquisa de campo foram feitas visitas à comunidade, com observações e entrevistas. No caso desta pesquisa as observações ajudaram a perceber como se dá a relação dos fundadores do Africatarina com a comunidade da Lagoa do Peri e Armação e até que ponto essa comunidade está envolvida nos projetos e sofre influência deles. Isto é algo perceptível em comunidades em geral, como afirma Duvignaud:

Pode-se dizer que existe um parentesco evidente entre a vida social e a expressão artística, parentesco perturbador, menos marcante do que o existente entre a vida religiosa e a vida social, mas parentesco que salta aos olhos (1972: 36).

Foram observadas reuniões, oficinas de percussão, Boi-de-Mamão, ensaios e um desfile do bloco de carnaval na Armação que mobilizou grande parte da comunidade.

Segundo Haguette (1995), as observações, por se tratarem de um método qualitativo, não aplicam à vida humana esquemas importados dos procedimentos científicos. Ela enfatiza a necessidade de reconhecer em primeira instância o caráter peculiar dos seres humanos, seu comportamento e sua vida em grupo.

Foram feitas doze entrevistas com os fundadores, participantes da ONG e pessoas da comunidade. Estas entrevistas ajudaram a compreender como e por que surgiu o Africatarina, quais seus ideais e objetivos, como o mesmo faz para se manter, quais são os resultados dos projetos. Alguns tópicos foram previamente estabelecidos de acordo com a problemática da pesquisa. Geralmente essas entrevistas eram feitas após as observações com objetivo de captar o real. Porém, para Haguette, temos que reconhecer que estamos recebendo meramente o retrato que o informante tem de seu mundo, cabendo ao pesquisador avaliar o grau de correspondência das afirmações do entrevistado. Segundo Haguette:

As afirmações de natureza subjetiva estão sempre imersas em reações que devem ser levadas em conta: o estado emocional do informante, suas opiniões, suas atitudes, seus valores que devem ser confrontados ou complementados com comportamentos passados e expressões não-verbais, igualmente. A constatação de informações conflitantes não deve levar o pesquisador a considerar o depoimento inválido, uma vez que estas mesmas contradições podem levar a importantes descobertas (1995: 88).

De acordo com Haguette (1995), a pesquisa qualitativa permite uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do

aspecto subjetivo da ação social seja em face da configuração das estruturas societárias, seja a incapacidade da estatística de dar conta de fenômenos únicos (Haguette, 1995.63).

Para iniciar a pesquisa o primeiro contato foi feito com a fundadora Fátima Lima por correio eletrônico. Em seguida fui observar sua oficina de Boi-de-Mamão e teatro. Nesse primeiro dia não foi feita nenhuma entrevista. Depois houve outras observações com entrevistas semi-estruturadas ao final de cada oficina. O segundo contato foi com o fundador Edson Roldan em sua oficina de percussão. Desde o primeiro encontro foram feitas entrevistas.

Em seguida foi observada uma reunião do Africatarina, onde foram discutidos vários temas, ficando perceptível o grande envolvimento de seus fundadores e de alguns pais de participantes. Após essas observações fiquei cerca de um mês e meio afastada do grupo. Quando retornei, o grupo de jovens que só existia no papel estava montado, fazendo suas reuniões em uma sede recém alugada. Observei essas reuniões, aproveitei o momento para entrevistar novamente Fátima Lima e cinco jovens desse grupo. As visitas à comunidade continuaram por mais cinco meses onde acompanhei mais algumas mudanças.

Sempre fui muito bem recebida por todos, que em todos os momentos procuraram me deixar à vontade. Também procurei fazer com que minha presença não inibisse as pessoas ali presentes, pois nesses momentos meu objetivo era o de captar a realidade de maneira mais objetiva possível.

Percebo o grupo dividido em três projetos, o Bloco de Carnaval, o projeto de Arte-Educação e o projeto Jovem Empreendedor. O projeto de Arte-Educação se subdivide em três: oficina de percussão, oficina de Boi-de-Mamão e oficina de teatro, enquanto o projeto Jovem Empreendedor se subdivide em quatro grupos. Cada grupo de cinco componentes está fazendo o seu projeto. O primeiro grupo vai fazer uma área de lazer na comunidade da Lagoa do Peri, o segundo grupo tem um projeto de reciclagem, o terceiro está fazendo um filme de animação sobre o meio ambiente na comunidade da Armação e o quarto grupo está montando uma rádio-escola.

O resultado das minhas observações e reflexões são apresentados a seguir, dividido em três capítulos. O primeiro é teórico e se subdivide em dois, apresenta alguns aspectos gerais sobre ONG e alguns conceitos científicos importantes para compreensão do presente objeto de pesquisa. Segundo capítulo trata das ações promovidas pelo Africatarina. O terceiro traz algumas reflexões sobre o trabalho do grupo.

Gostaria de expressar minha gratidão à minha família, em especial a meus pais, Maria de Fátima e José Dorval que, mesmo estando longe durante minha graduação, sempre foram

exemplos de amor e integridade, incentivaram e apoiaram minhas escolhas. Aos amigos Eric, Eveline e minha prima Carolina que, durante estes seis anos que moro em Florianópolis, estiveram ao meu lado, participando comigo de vários momentos importantes.

Ao Professor Pedro Martins, que sempre me orientou com muita paciência e sabedoria, proporcionando segurança e um caminho que tornou possível a realização deste trabalho. Aos fundadores e participantes do Grupo Africatarina, pela colaboração graças à qual foi possível viabilizar e realizar esta pesquisa.

CAPÍTULO I

SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DO OBJETO DA PESQUISA

Este capítulo apresenta alguns esclarecimentos sobre o trabalho das ONG's em geral e a discussão dos conceitos que servem de embasamento para as reflexões sobre o trabalho do Grupo Africatarina.

As ONG's existem em todo mundo. No Brasil tem um papel bastante importante. Segundo Hudson (1999) essas organizações são orientadas por valores. São criadas por pessoas que acreditam que mudanças são necessárias e que desejam, elas mesmas, tomar providências neste sentido. Ao contrário de organizações do setor privado, não distribuem seus lucros aos seus proprietários e, diferente das organizações do setor público, não estão sujeitas a controle político direto. Estas organizações têm independência para determinar seu próprio futuro.

De acordo com Coelho (2002), empresas, igrejas, entidades as mais diversas instituições investem, há décadas, em iniciativas cujo impacto social está longe de ser desprezível, mesmo tendo sido sempre negligenciado. A autora ainda afirma que,

Na verdade este é um tema que recentemente passou a despertar interesse. Embora essas organizações sejam antigas em nossas sociedades, apenas há pouco tempo ganharam visibilidade junto à opinião pública. A partir da década de oitenta, tornaram-se alvo das atenções, frequentemente a reboque das atividades de organizações não governamentais internacionais como o Greenpeace, por exemplo (2002: 17).¹

Aqui neste trabalho estarei abordando uma organização não governamental (ONG). Kalk (2003) afirma que a proliferação das Organizações Não-Governamentais (ONG's), pode ser considerada como um resultado da incapacidade do sistema democrático atual de desempenhar todas as tarefas desejadas pelos seus cidadãos. Embora as ONG's muitas vezes

¹ Cabe ressaltar que nem todas as ONG's funcionam da maneira mais adequada, no Congresso Nacional, neste momento, desenrola-se uma CPI que investiga repasse de dinheiro para ONG's.

realizem um trabalho bastante positivo, elas têm uma tendência de diminuir o poder governamental.

O termo “organização não governamental” não existe juridicamente. Essas organizações estão registradas como entidades sem fins lucrativos e se aproximam, num certo sentido, das associações, pois estão envolvidas com grupos da sociedade civil organizada. Em 1996, foi formulada pela primeira vez uma lei para regular essas entidades sem fins lucrativos. Segundo Mendes (2007) as pessoas que compõem a ONG são distintas da pessoa jurídica, que pode acionar ou ser acionada judicialmente. Uma ONG pode intentar ações judiciais para fazer valer os direitos previstos na Constituição ou na legislação infraconstitucional. Tendo existência jurídica é parte legítima para o processo, tendo assim, legitimidade para figurar no pólo ativo ou passivo de um dado procedimento judicial. Mendes afirma ainda que:

Toda ONG deve ter um estatuto que trace as diretrizes de seus objetivos e organize sua estrutura interna. O Referido estatuto deve ser registrado no cartório do registro de imóveis títulos e documento cíveis de pessoa jurídica da comarca onde a ONG tiver sua sede, sua matriz, ficando o mesmo à disposição de qualquer cidadão que seja consultado, uma vez ser um documento público. No estatuto de uma ONG contém o objetivo, o quadro social, diretores e dirigentes, regimento interno, ementa e outros conteúdos (2005: s.p.).

De acordo com Coelho (2002: 91) o estatuto define os objetivos e a missão das organizações. Estas são as maiores beneficiárias das isenções fiscais. Todas as entidades constituídas nestes parâmetros legais podem reivindicar e conquistar tais direitos, por isto a legislação das ONG's passa a desempenhar um papel fundamental.

Um fator determinantemente forte no perfil dessas instituições é o perfil de seus fundadores. Geralmente as trajetórias pessoais, as histórias de vida desses líderes, influenciam a definição do âmbito de atuação dessas entidades. Se fizermos uma análise de discurso certamente é possível identificar a origem dos valores definidos e propagados pelas ONG's através dos seus dirigentes. O fato da maioria dessas instituições serem relativamente pequenas permite que adotem uma estrutura de funcionamento informal, baseada em algumas funções chave como direção, coordenação e serviços de apoio administrativo.

É importante que organizações como as ONG's, orientadas por valores, tenham uma estratégia. Segundo Hudson (1999), para que estas organizações tenham uma estratégia diferente é necessário ter sua missão e seus objetivos bem definidos.

A missão é algo específico, de cada ONG, pois é gerada pelos valores comuns sustentados pelas pessoas da organização. A missão é a razão de ser da organização. Explica por que a organização existe e quem se beneficia dela. Na perspectiva de Hudson (1999: 74) a missão é a base intelectual, precisa ser escrita e ter aprovação geral. Todas as ONG's tem missões, embora sejam às vezes implícitas ou contraditórias.

É preciso esclarecer que *missão* não se trata de *visão*. A palavra *visão* é usada normalmente para designar uma situação futura desejável. Expressa a noção daquilo que a ONG deseja alcançar em última análise. Hudson afirma ainda:

As organizações do terceiro setor precisam ter visões de como desejam que o mundo seja. As visões oferecem uma poderosa influência motivacional nas pessoas. Em termos de estabelecer direção futura, uma visão é muitas vezes mais eficaz do que quaisquer análises ambientais ou planos estratégicos (1999: 72).

A visão se preocupa com o objetivo final da organização e a missão preocupa-se com o motivo pelo qual a organização existe.

Já os objetivos, de acordo com Hudson, são afirmações dos desejos e propósitos da ONG. Ajudam a focar as várias áreas da organização para que atinjam a missão, concentra a atenção das pessoas e orienta seus atos.

Também é necessária para o funcionamento de uma ONG a busca de sua sustentabilidade financeira. Esta busca é um processo constante, feito através da demonstração da importância de sua missão e de seus programas, para que indivíduos, empresas e órgãos públicos apoiem sua atuação. Porém, para Drucker (1995), uma instituição não governamental que torne prisioneira do levantamento de dinheiro está com problemas sérios em sua identidade. A finalidade de uma estratégia de levantamento de recursos é precisamente de possibilitar que a instituição realize sua missão sem subordiná-la a esse levantamento.

Alguns fatores podem influenciar para que esta busca aconteça de forma bem-sucedida. Uma equipe competente que vá em busca de recursos, uma missão e visão expressivas, serviços que as pessoas procurem e valorizem, objetivos concisos e claros, imaginação e habilidades empreendedoras. A maior parte dos financiamentos vem de instituições como governos centrais e locais, autoridades da saúde, fundações e empresas.

Um conceito importante para compreensão do presente objeto de pesquisa é a noção de cultura no sentido antropológico. Damatta apresenta sua noção de cultura, falando sobre dois usos desta mesma palavra. No primeiro, cultura significa educação, sabedoria, está se referindo

a um estado individual de pessoas, chegando a ser confundida com inteligência. Este é o uso mais comum no cotidiano. Damatta explica que,

Neste sentido, cultura é a palavra usada para classificar as pessoas e, às vezes, grupos sociais, servindo como uma arma discriminatória contra algum sexo, idade, etnia ou mesmo sociedades inteiras (1986: 122).

Porém, para antropólogos e sociólogos ela tem um significado bem diferente, podendo ser um conceito chave para interpretação da vida social. O conceito de cultura, no sentido antropológico, equivale a um conjunto de regras que pode classificar o mundo. Neste sentido, todas as culturas são equivalentes. O homem é sempre resultado do meio cultural em que vive. É neste sentido que o conceito de cultura está sendo usado neste trabalho.

Segundo Damatta, é por compartilharem de um mesmo código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas, e até mesmo opostas transforma-se num grupo e podem viver juntos, sentindo-se parte de uma mesma totalidade. Podem, assim, desenvolver relações entre si porque a cultura lhes forneceu normas que dizem respeito aos modos mais apropriados de comportamento diante de certas situações. Porém, cultura não é um código que se escolhe simplesmente, são regras que permitem relacionar indivíduos entre si e o próprio grupo com o ambiente onde vive.

De acordo com Laraia (1993), os hábitos criados pelos homens, têm um significado muitas vezes compreendido apenas por quem os pratica. Para Laraia, cultura é um fenômeno sistemático, que apresenta uma regularidade representando todo comportamento aprendido, tudo aquilo que independe da transmissão genética. Segundo Laraia,

Qualquer pessoa que quiser constatar isso, não precisa ir tão longe, basta comparar o costume dos nossos contemporâneos, como o sentido do trânsito na Inglaterra, os hábitos alimentares dos franceses, onde rãs e escargots são considerados iguarias. No Japão, por exemplo, era costume que o devedor que não pudesse pagar suas dívidas, praticasse o suicídio na véspera do ano novo. Tal costume justificou o aparecimento dos pilotos suicidas durante a segunda guerra mundial (1993: 15).

Nenhuma dessas diferenças de comportamento são determinadas biologicamente. Também não podem ser explicadas pelas limitações impostas pelo meio ambiente, pois existem povos em ambientes iguais com costumes diferentes. O comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado adquirido e transmitido de uma geração para a outra.

Segundo Cucho (2002) se todas as populações se diferenciam por sua cultura, cada população possui as soluções necessárias para o problema que lhe é colocado. Nada é

puramente natural no homem. Mesmo funções humanas que correspondem a necessidades fisiológicas, como a fome, o sono, o desejo sexual, e outras, são informados pela cultura. As sociedades não dão exatamente a mesma resposta às mesmas necessidades. No entanto, essas diferenças não são irreduzíveis umas às outras. Os princípios culturais aplicados são suscetíveis de evolução e até de transformações. Cuche apresenta em seu livro a primeira definição da palavra, feita por Tylor:

“Cultura e civilização tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (Apud Cuche, 2002: 35).

Apresentada assim a cultura parece ser um bom instrumento para compreender as diferenças entre os homens e as sociedades. Segundo Damatta permite uma perspectiva mais consciente de nós mesmos, precisamente porque diz que não há homens sem cultura e permite comparar culturas e configurações culturais como entidades iguais, deixando de estabelecer hierarquias em que inevitavelmente existiriam sociedades superiores e inferiores.

A idéia de manifestações expressivas ajuda a entender o processo de trabalho do Africatarina. De acordo com Martins (2007), as manifestações expressivas correspondem sempre a manifestações estéticas associados a componentes identitários. Podem ser apropriados como instrumento de recomposição da identidade cultural de populações migrantes. As transformações estéticas foram observadas por este autor em população de imigrantes em Portugal. Martins buscou compreender o papel dessas manifestações. Enquanto instrumento de integração, elas ajudam na adaptação ao novo contexto, servem como estratégia de inserção social, especialmente no mercado de trabalho, como instrumento de sociabilidade – no contexto do grupo étnico, no contexto do bairro e no contexto geracional, e são também instrumentos de sociabilidade no contexto do grupo étnico e reconstrução da identidade tanto pessoal quanto social.

A população observada por Martins é de imigrantes oriundos das ex-colônias portuguesas na África, mas ele centrou o olhar sobre os imigrantes de origem cabo-verdiana e seus descendentes, pois formam o grupo mais numeroso e representativo e o movimento migratório mais antigo e regular. Os imigrantes cabo-verdianos e seus descendentes observados por Martins, são moradores ou articulados em torno dos moradores do bairro Alto da Cova da Moura, Freguesia da Buraca, Conselho de Amadora, Região Metropolitana de Lisboa. A escolha daquele bairro deu-se por concentrar em um pequeno espaço cerca de nove

mil moradores, dentre os quais cerca de 80% de origem cabo-verdiana. Trata-se também de um bairro midiático, no sentido de que era alvo constante de notícias na imprensa, possuía uma população com um bom nível de organização – decorrente da luta por condições mínimas de habitação, da constante mobilização necessária à sua manutenção enquanto bairro uma vez que diversos interesses regionais convergiam para a sua remoção e re-urbanização da área ocupada e da luta contra a discriminação racial. Possuía a Associação Cultural Moinho da Juventude, organização local que congregava moradores e outras organizações em defesa dos interesses coletivos e da promoção da qualidade de vida.

Assim, as condições em que o autor constrói a idéia de manifestações expressivas remetem ao conteúdo de atuação do Africatarina.

Segundo Martins foram tomados como pressupostos o caráter dinâmico da cultura e a estética enquanto elemento cultural, sendo sempre produto do contexto social onde é gerada. Martins afirma que,

Desta forma espera-se que ocorram transformações materiais e simbólicas ao conjunto das tradições transplantadas desde o contexto de origem para o contexto de acolhimento, assim como se espera que ocorra uma reinvenção da estética ao longo do processo migratório, fixação e reprodução do grupo, com uma conseqüente ressignificação das manifestações expressivas que acabaram por ser mantidas (2007: 02).

As manifestações expressivas foram observadas em seis eixos, já citados anteriormente, porém na observação foram priorizadas as práticas ligadas à música, dança e artes visuais. No ciclo curto das transformações estéticas foram observadas pelo autor as práticas tradicionais de diversas ilhas de Cabo Verde, como o *Batuque*, o *Funaná* e o *Kolá San Jon*. No ciclo longo o autor destacou as práticas relacionadas à cultura *hip hop* (Martins, 2007: 08).

De acordo com Martins, as ilhas de onde se originaram os imigrantes observados em Portugal serviram durante muito tempo como entreposto de escravos africanos, mas desenvolveram um sistema produtivo com a finalidade de dar suporte ao colonialismo português na Ásia, África e América. Foi assim que um modo de vida estruturou-se e os dois grupos (africanos e portugueses) transformaram-se em uma sociedade organizada e autônoma. Da miscigenação entre os dois grupos, e da influência cultural da África e da Europa, surgiu uma sociedade mestiça com uma cultura peculiar.

Ainda no século XIX, segundo Martins as más condições de vida nas ilhas fizeram a população livre emigrar. O primeiro destino foi a região sul dos Estados Unidos e, embora tenha continuado, a partir de 1960 o fluxo migratório para Portugal passou a se intensificar,

estimulado pelo próprio governo português que queria substituir a mão de obra perdida com a imigração de portugueses para o norte da Europa. Nos anos de 1980, por causa da construção civil, mais uma vez o governo português estimula a imigração de cabo-verdianos. Por virem de várias ilhas esses imigrantes diferenciam-se em diversos aspectos, como afirma Martins:

O aspecto étnico é um deles: os de barlavento, ao norte, mais miscigenados, são genericamente denominados Sampadjudó, ao passo que os de sotavento, ao sul, mais africanos, são genericamente denominados Badio. Esta diferenciação tem implicações ao nível da língua, onde cada grupo fala um crioulo com características próprias – alguns autores afirmando, inclusive, que a diferenciação no crioulo acontece de ilha para ilha. Outra diferenciação importante está relacionada à classe social: nem todos os imigrantes são pobres e nem todos os que chegam pobres ao destino permanecem assim. Além destes aspectos, os séculos de isolamento entre as ilhas levaram a uma profunda diferenciação cultural, que começou a ser quebrada após a independência, em 1976, pela iniciativa de construção de um projeto de identidade nacional cabo-verdiana. Mas como esta diferenciação ainda permanece, os costumes que marcam a reprodução da vida nas diferentes ilhas possuem sempre características muito específicas, a despeito da cultura nacional cada vez mais homogeneizadora (2007: 05).

Para Martins, é a partir deste conjunto de diferenças que se deve pensar no esforço desses imigrantes para reconstruir sua identidade, sobreviver no novo contexto e rearticular suas redes sociais deixadas na terra de origem. Nesse processo as manifestações expressivas ligadas à tradição cabo-verdiana são constantemente aproveitadas. Essas práticas sofrem transformações decorrentes da reprodução no novo contexto e das necessidades de atenderem muitas vezes uma finalidade instrumental. Essas práticas tradicionais correspondem ao ciclo curto. Existem também as práticas não tradicionais que são desenvolvidas pelos imigrantes e que correspondem ao ciclo longo da transformação estética.

No caso do funaná, um estilo musical surgido na Ilha de Santiago e exclusivamente rural, o processo de abertura após a independência o transformou em um estilo também urbano. Tornando-se mais popular passou a abranger um público muito mais amplo, embora músicos cabo-verdianos mantenham o estilo tradicional.

O batuque no contexto original era uma atividade feminina, resultante da batida compassada das palmas das mãos nas coxas, de uma cantiga geralmente constante de uma única frase musical, entoada por uma das mulheres e repetida pelas demais e da dança do torno, uma dança individual ou em dupla, quando a dançarina é desafiada por outra mulher, dança esta executada pela mulher no centro de uma roda em um ritmo crescente e de grande apelo erótico, executado em várias ocasiões. No contexto de acolhimento, diferentemente do

contexto de origem, o batuque passou a ser incentivado como manifestação organizada e de caráter público, realizando-se mesmo concursos e festivais de grupos de batuque, abrindo para as mulheres que praticavam o batuque a possibilidade de manifestação pública e a criação de visibilidade.

O Kolá San Jon de acordo com Martins é a Festa de São João, realizada no dia 24 de junho. Além disto, o Kolá San Jon consiste em uma manifestação de dança e batuque de tambores onde um grupo desfila pelas ruas seguindo uma miniatura de barco à vela. Segundo Martins, no contexto do bairro Alto da Cova da Moura, os imigrantes cabo-verdianos sentiram saudades da sua Festa de São João e decidiram construir um barco cuja estréia ocorreu ainda nos anos de 1980. A prática originária da Ilha de Santo Antão, mas com uma forte presença na Ilha de São Vicente, agora é feita por participantes vindos de diversas ilhas, o que levou à incorporação de elementos dessas diferentes origens e, conseqüentemente, à construção de uma manifestação efetivamente nova para todos os participantes. O sentido da manifestação que no contexto de origem era lúdico-profana passa a ser outro.

No contexto de acolhimento a prática assumiu uma grande autonomia em relação à conjuntura da festa de São João e passou a ter as mesmas características de grupo de espetáculo que os demais grupos tradicionais – embora suas apresentações estejam condicionadas ao período das festas (junho/julho), no contexto das próprias festas ou de eventos relacionados à cultura africana.

De acordo com Martins quando se observa os imigrantes mais jovens, as manifestações realizadas por estes correspondem ao ciclo longo. Nota-se manifestações expressivas não tradicionais, como é o caso do *rap*, *break dance* ou dança de rua e do grafiti. A cultura hip hop veio dos guetos nova-iorquinos e em seguida os imigrantes ou descendentes de imigrantes tiveram uma grande identificação. Os temas retratam toda a condição de negros, pobres, desempregados, envolvidos com toda sorte de violência tanto física quanto simbólica. Do ponto de vista estético a maior mudança observada é a passagem de manifestações tradicionais africanas com forte influência da cultura cristã portuguesa, para um modelo de manifestação inspirada em uma cultura industrial onde elementos de consumo estão presentes sendo estes itens fundamentais na construção da identidade dos imigrantes.

A integração entre brancos e negros no plano cultural é difícil e lenta. Martins afirma:

É nesta perspectiva que o estudo das transformações estéticas adquire relevância uma vez que este é um caminho por onde passam muitas das estratégias de integração e amenização das barreiras que impedem esta população de encontrar o seu lugar ao sol em terras portuguesas. Embora

os relatos de casos de integração bem sucedidos sejam já freqüentes na literatura, a verdade é que para a maioria da população de origem africana os caminhos ainda são muito difíceis e as soluções construídas a cada dia. É assim que as diversas manifestações expressivas, trazidas da África ou desenvolvidas em território português, são constantemente apropriadas e oferecidas ao mercado como produto a ser consumido e como gesto de boa vontade, tanto de negros quanto de brancos, no sentido de ampliar as possibilidades de convivência e de interação entre os diversos segmentos. É no mundo do espetáculo onde se encontra parte significativa das possibilidades neste sentido e é para lá que, no mais das vezes, se dirigem os olhares tanto de africanos quanto de brancos interessados na perspectiva humanitária ou na perspectiva comercial (2007: 10/11).

Aqui neste trabalho as manifestações estéticas do grupo Africatarina serão analisadas na perspectiva de manifestações expressivas, assim como as manifestações dos imigrantes cabo-verdianos. Estas serão identificadas, divididas em ciclo curto e ciclo longo, serão colocadas as mudanças estéticas das manifestações expressivas praticadas pela ONG, seu significado atual e a importância na reconstrução da identidade tanto social quanto cultural.

Outra idéia que também, ajuda na compreensão do objeto de pesquisa é a noção de costume e tradição. De acordo com Thompson (1998), os usos costumeiros eram fortes no século XVIII. Alguns desses costumes eram de criação recente e representavam as reivindicações de novos direitos. Com o declínio da magia, superstições e feitiçarias, era natural que o povo se sentisse pressionado para reformar sua cultura. Alfabetização substituía a transmissão oral, e o esclarecimento passava de estratos superiores para inferiores, porém ainda existia uma grande diferença entre a cultura dos nobres e da plebe. Uma das conseqüências desse processo foi o surgimento do folclore. Quando começou um estudo sobre o assunto esses costumes já começaram a ser vistos como antiguidades, resíduos do passado.

Segundo Thompson (1998), nos séculos precedentes o termo costume foi empregado para denotar o que hoje está implicado na palavra cultura. Era visto como a conduta inercial, habitual e induzida, algo que dava direção à vida humana. As práticas e normas se reproduziam ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. O costume era visto como algo bom que deveria ser seguido e não contrariado. Esses costumes como o folclore, a crença, os ritos eram mantidos pela tradição. Portanto, se tradição correspondia a costume, ela se reproduzia de geração em geração, mas é um campo aberto para mudança e se perpetua em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de narrativas exemplares. Como afirma Thompson em seu texto,

Embora a vida social esteja em permanente mudança e a mobilidade seja considerável, essas mudanças ainda não atingiram um ponto em que se admite que cada geração sucessiva tenha um horizonte diferente (1998: 18).

Para Thompson, a inovação do processo capitalista foi experimentada pela plebe como uma exploração ou uma destruição violenta de padrões valorizados de trabalho e lazer. Por isto a cultura popular é considerada muitas vezes rebelde, mas é em defesa da tradição. Muitas vezes se baseiam em reivindicações muito recentes. O povo recorre freqüentemente a regras, selecionando as que melhor defendem seu interesse. Neste sentido, a cultura é uma defesa. De um lado, a conformidade com o *status quo*, a necessidade de seguir a ordenação do mundo, de jogar de acordo com as regras. De outro lado, o senso comum, derivado da experiência de exploração e dificuldades. Thompson afirma que,

Assim, as oportunidades são aproveitadas à medida que surgem, com pouca reflexão sobre as conseqüências, assim a multidão impõe seu poder nos momentos de insurreição direta (1998: 22).

Segundo Thompson, o capitalismo recriou a natureza humana e as necessidades. As gerações atuais já não se colocam em posição de aprendizes umas das outras, suas expectativas e necessidades são materiais. Sofremos uma pressão irresistível e acelerada em toda parte pelos meios de comunicação, universalmente disponíveis. Thompson afirma ainda:

No entanto, sabemos que as expectativas globais estão se avolumando como o dilúvio bíblico, e que a presteza da espécie humana em definir suas necessidades e satisfações materiais de mercado – despejando todos os recursos da Terra no mercado – pode ameaçar toda espécie como uma catástrofe ecológica. O responsável por esta catástrofe será o homem econômico, seja na sua forma clássica do capitalismo avaro, seja na forma do homem econômico rebelde da tradição marxista ortodoxa (1998: 23).

Para Thompson, nunca voltaremos à natureza humana pré-capitalista, mas lembrar seus códigos, expectativas e necessidades pode renovar nossa percepção de possibilidades implícitas no ser humano. Esta seria uma volta às culturas tradicionais onde gerações, aprendendo umas com as outras, tivessem uma satisfação vinda da cultura.

Neste texto serão analisadas as práticas tradicionais do grupo Africatarina e até que ponto a ONG proporciona, para seus participantes uma satisfação cultural e quais benefícios essa satisfação traz.

Segundo Giddens (2002), “tradição” é uma invenção da modernidade. O termo “tradição” tal como é usado atualmente, é na verdade um produto dos últimos duzentos anos na Europa. Os costumes são inventados ao invés de se desenvolverem espontaneamente. São fabricados e usados como meios de poder. As tradições evoluem ao longo do tempo, algumas vezes transformando-se de maneira bem repentina, como afirma o autor:

Todas as tradições, eu diria, são tradições inventadas. Nenhuma sociedade tradicional era inteiramente tradicional, e tradições e costumes foram inventados por uma diversidade de razões. Não deveríamos supor que a construção consciente da tradição é encontrada apenas no período moderno. Além disto, as tradições sempre incorporam poder, quer tenham sido construídas de maneira deliberada ou não. Reis, imperadores, sacerdotes e outros vêm há muito inventando tradições que lhes convenham e que legitimem seu mando (2002: 50).

Para Giddens, por mais que a tradição possa mudar, ela fornece uma estrutura para a ação que pode permanecer em grande parte não questionada. As tradições são necessárias e persistirão sempre, porque dão continuidade e forma à vida. À medida que o papel da tradição muda, contudo, novas dinâmicas são introduzidas em nossas vidas, onde a tradição recuou, somos forçados a viver de uma maneira mais aberta e reflexiva. De acordo com Giddens:

Autonomia e liberdade podem substituir o poder oculto da tradição por uma discussão e um diálogo mais abertos. Essas liberdades, porém, trazem outros problemas em sua esteira. Uma sociedade que vive do lado oposto ao da natureza e da tradição – como o fazem hoje as de quase todos os países ocidentais - é uma sociedade que exige tomada de decisão, tanto na vida cotidiana quanto nos demais domínios. O lado sombrio da tomada de decisão é o aumento das dependências e compulsões. Algo de realmente intrigante, mas também de perturbador, está acontecendo aqui. Confina-se basicamente aos países desenvolvidos, mas começa a ser observado entre grupos mais ricos em outras partes também. Estou me referindo à difusão da idéia e da realidade da dependência. A noção foi originalmente aplicada exclusivamente ao alcoolismo e ao consumo de drogas. Mas agora qualquer área de atividade pode ser invadida por ela. Podemos ser viciados em trabalho, em exercício, comida, sexo - ou até em amor. Isto ocorre porque estas atividades, e outras partes da vida também, estão muito menos estruturadas pela tradição e o costume do que eram outrora (2002: 56).

É como se nós precisássemos de práticas e normas que se reproduzem ao longo de gerações, compromissos morais que se elevem acima das preocupações e questões do dia-a-dia.

A observação das ações do Africatarina apontam na direção de outra categoria fundamental, a noção de empoderamento. O conceito de empoderamento tem servido de embasamento para a maior parte das ONG's que trabalham com a emancipação social, com a expansão dos direitos e com o combate à pobreza. Segundo Amâncio [2007], neste caso o conhecimento não é um ato de transmissão de conteúdos onde as relações são ativo-passivas, mas ele só existe se ocorre uma apropriação do aprendido e conseqüentemente uma transformação deste em ações e/ou reflexões nas situações concretas de cada vivência. O aprendido é apreendido, transformado e reinventado.

Para Amâncio, qualquer atividade de intervenção que não logre e não se ajuste aos hábitos das culturas locais não estará trabalhando na perspectiva da participação, do empoderamento e da emancipação popular. Na perspectiva da educação popular, todo interventor assume um papel de fato educativo e libertador onde os sujeitos populares não são objetos de sua intervenção. Eles são enxergados como agentes de mudança tal como o próprio interventor.

De acordo com Araújo (2005) para que o empoderamento seja possível, a definição dos conteúdos de capacitação precisa ser guiada pela realidade. O processo educativo fundamenta-se no aspecto de que o conhecimento, a partir das coisas concretas, pode incitar as forças humanas à promoção de mudanças.

Segundo Amâncio [2007], compreender a educação em áreas carentes passa necessariamente por compreender quais as propostas e políticas de desenvolvimento deste setor. Uma pedagogia articulada ao projeto de vida das pessoas, ao projeto de futuro. As pessoas passam a assimilar por meio do exercício prático de participar, de pensar e de agir sobre a sua própria realidade com autonomia, um duro exercício de liberdade. Araújo afirma que,

Pela dimensão do mundo concreto, as suas vidas, as suas histórias, estão sendo permeadas pelo princípio ético do diálogo e expressões promotoras da igualdade, da autonomia, da liberdade, da justiça e da felicidade (2002: 51).

Como pode ser observado, na abordagem educacional participativa o agente externo, chamado de interventor, assume um papel educativo que visa identificar grupos com interesses comuns, orientar a comunidade na identificação dos problemas e promover a organização inicial do grupo, que, por conseguinte tem um papel totalmente ativo, diagnosticando e estabelecendo meios para solucionar os problemas bem como suas causas. Quando há o

desenvolvimento da organização social, da autoconfiança, da reflexão, da crítica e do poder de transformação, podemos dizer que houve o processo de empoderamento. Indivíduos empoderados são aqueles que de forma democrática e organizada participam ativamente de mudanças, que permitem resolução de problemas e melhorias, tanto a nível pessoal quanto social.

Estes conceitos serviram de embasamentos para a análise dos projetos da ONG Africatarina. Elementos da cultura afro-brasileira e de outras culturas também trabalhadas pelo grupo foram analisados a partir dos conceitos de cultura no sentido antropológico, manifestações expressivas, costume e tradição. Foram observadas as mudanças estéticas e de significado ocorridas na passagem do contexto de origem para o contexto do Grupo Africatarina, como se dá a reconstrução da identidade cultural e quais elementos ainda podem ser considerados tradicionais de acordo com o costume da cultura à qual pertencem.

Os projetos mais voltados para a comunidade foram analisados a partir do conceito de empoderamento. Foi observada a forma como o Grupo Africatarina conduz seu trabalho, valoriza a cultura local, proporciona situações de empoderamento e emancipação social.

CAPÍTULO II

A AÇÃO DO AFRICATARINA: AÇÃO AFIRMATIVA E INCLUSÃO SOCIAL

Neste capítulo procuro contar a história do grupo Africatarina, descrever as oficinas, o trabalho do bloco de carnaval e o projeto de jovens. Busco também explicar o funcionamento da ONG, sua sustentabilidade, suas parcerias, como a comunidade interage com o grupo e como este a influencia.

Quando o grupo foi criado, os fundadores compraram alguns instrumentos musicais, pois os já existentes pertenciam ao bloco Rastafari e o presidente desse bloco não autorizou a sua utilização. Após a chegada dos novos instrumentos a idéia de formar um projeto social foi sendo colocada em prática e assim outras pessoas puderam juntar-se para integrar o grupo. Além dos fundadores participavam também Toni Edson e Camila Aschermann, professores de teatro; Muleca, professor de capoeira e Odelice Fraga, professora de dança-afro. Em seguida surgiu a oportunidade de desenvolver o projeto na sociedade Novo Horizonte, localizada na Avenida Beira Mar. O espaço era ocupado (expropriado), então essa sociedade precisava de algum projeto que funcionasse lá para justificar o processo de expropriação. O trabalho do grupo iniciou com oficinas de percussão, teatro, dança afro e capoeira.

Depois de estar um ano atuando na sociedade Novo Horizonte o grupo foi beneficiado por um edital da fundação Maurício Sirotsky e pouco mais de um ano depois de sua fundação já estava estruturado. Em 2003 o grupo foi registrado como programa de extensão da Universidade do Estado de Santa Catarina e assim permaneceu até 2005, quando Fátima Lima, professora da UDESC e também fundadora da ONG, afastou-se para o doutorado. Atualmente o grupo conta com um coletivo de oito pessoas, entre arte-educadores, mães, pais e moradores da Armação e Lagoa do Peri, comunidades localizadas no sul da Ilha de Santa Catarina.

O estatuto do Africatarina prevê que ele é uma associação sem fins lucrativos. O grupo utiliza o mesmo CNPJ do Grupo A, porém ampliou suas possibilidades artísticas de teatro para outras artes, e as atividades artísticas para artístico-educacionais, no intuito de cumprir sua missão e trabalhar como projeto de ação social. Tem por finalidade prestar apoio e orientação ao processo de promoção das manifestações da cultura popular brasileira, especialmente aquelas surgidas no contexto dos setores menos favorecidos da população, com enfoque na cultura afro-brasileira, numa perspectiva multicultural. O trabalho a partir de valores

educacionais, como disciplina e aquisição de conhecimentos, valores sociais, como respeito à diversidade cultural e étnica, e valores artísticos, como criatividade.

Atualmente o Africatarina desenvolve oficinas de percussão, Boi-de-Mamão e teatro que são realizadas nas localidades da Armação e Lagoa do Peri, mais precisamente na Escola Dilma Lúcia dos Santos e na Escolinha da Lagoa do Peri. Atende um número de aproximadamente cem crianças e adolescentes. Há também um grupo de jovens que, orientados por Fátima Lima, executam seus próprios projetos. Além de divulgar e ensinar a cultura e a arte o grupo tem um compromisso com questões sociais, pois proporciona oportunidades para crianças em situação de vulnerabilidade social. A partir de estudos, projetos, programas, eventos, festivais, e manifestações sistematizadas de determinadas práticas, o grupo efetiva trabalhos de formação pessoal, dando ênfase em aspectos relacionados com a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos e outros valores.

O Africatarina costuma firmar convênios e contratos com outros órgãos ou entidades públicas e privadas, hoje o grupo tem parceria com o ICom – Instituto Comunitário – uma entidade que busca criar fundos de investimento social, conhecer o que fazem e mapear as organizações sem fins lucrativos que atuam em Florianópolis. Ao realizar este mapeamento o ICom busca gerar informações que promovam o fortalecimento da rede social.

Para o grupo Africatarina o ICom proporciona um programa de capacitação para gestão do projeto Fortalecer e apóia o projeto de jovens chamado de Jovem Empreendedor. De acordo com Fátima Lima essa gestão sempre foi uma deficiência sentida pelo grupo, que tem parceria também com a SETUR/PMF – Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Florianópolis-, com a Associação de pescadores da armação e com as escolas já citadas anteriormente, onde acontecem as oficinas.

A busca pela sustentabilidade no grupo Africatarina, não diferente da maioria das ONG's, é constante. Os recursos podem surgir de contribuições de seus associados, auxílio de órgãos e entidades públicas e privadas e rendimentos decorrentes de ações do grupo, como a venda de camisetas do bloco realizada todo ano.

O grupo já recebeu recursos da Fundação Maurício Sirotsky e da Fundação Franklin Cascaes. Também já foi programa de extensão da Universidade do Estado de Santa Catarina, o que proporcionou bolsa para alunos da UDESC que eram voluntários na ONG. O grupo promove também eventos, como jantares, para arrecadar dinheiro, e o bloco, além da venda das camisetas, recebe há cinco anos verba da SETUR – Secretaria de Turismo da Prefeitura - e da Tractebel. Em 2008 no entanto recebeu verba apenas da prefeitura.

Além da verba do bloco o grupo recebeu também em 2008 seis mil reais do ICom utilizados para a compra de um computador e aluguel de uma sala, que já foi entregue, pois não estava mais sendo utilizado. Além dos seis mil reais, o ICom doa também verbas de até dois mil reais para cada projeto do grupo de jovens.

Os membros do Africatarina não recebem remuneração por suas atividades e funções no grupo, sendo a renda da Organização utilizada para manutenção de seus objetivos.

Os fundadores da ONG deixam claro que o grupo ainda pretende crescer mais. Reconhecem a importância do dinheiro, porém, para eles, não é o principal. Estão mais preocupados com a eficácia da ação afirmativa² e inclusão social. O objetivo é abranger bem as comunidades da Armação e Lagoa do Peri, pois assim conhecem melhor os participantes podendo manter contato com a família, a escola e acompanhá-los durante um longo período, e não apenas de forma passageira o que, de acordo com Fátima e Edson Roldan, potencializa a ação da ONG.

O grupo participa de diversos eventos, o que, segundo Fátima Lima, contribui muito para o desenvolvimento pessoal dos atendidos pela ação desenvolvida, os participantes andam muito pela grande Florianópolis e às vezes viajam. As viagens são uma oportunidade é uma oportunidade para conhecer novos lugares e ampliar os horizontes. Um exemplo foi a viagem realizada ao Chile. Essa viagem aconteceu em janeiro de 2006. O grupo participou do Primeiro Festival Internacional de Teatro Infante-Juvenil de Santiago do Chile, onde levou o Boi-de-Mamão e a bateria. O Boi-de-Mamão fez uma apresentação e a bateria tocou os cinco dias em que o grupo esteve no evento, fechando o festival. Fátima Lima afirma que,

Eles vão percebendo um outro mundo. A viagem ao Chile foi, neste sentido, uma abertura total. Alguns deles se espantavam até por ver outros adolescentes falando outra língua. Isto é muito bom. A gente os vê convivendo com outras pessoas, outras culturas, pessoas de outros bairros, de outras cidades, outros países às vezes e isto abre um pouco a cabeça (entrevista com Fátima Lima gravada em abril de 2008 de onde foram extraídos os demais depoimentos existentes nesta monografia).

Para Fátima Lima é durante a saída para a participação em eventos que se percebe a questão do aumento da auto-estima. Em entrevista, crianças e adolescentes que participam da

² São medidas especiais e temporárias, tomadas com o objetivo de eliminar desigualdades historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidades e tratamento, bem como de compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização, decorrentes de motivos raciais, étnicos, religiosos, de gênero e outros.

ONG afirmaram ser o momento das apresentações o mais significativo. Além do reconhecimento do público, nessas saídas eles se dão conta de que existe um outro mundo, com novas possibilidades, percebem também que aos poucos esse mundo vai chegar até a sua comunidade e que esta vai mudar.

Além do Primeiro Festival Internacional de Teatro Infante-Juvenil de Santiago do Chile, o grupo já participou do Concurso de Blocos Carnavalescos na Passarela Nego Querido, algumas crianças do projeto atuaram no filme de curta metragem “*Malabares os Filhos dos Outros*”, um projeto audiovisual vencedor do edital do Ministério da Cultura dirigido por Mara Salla. O Africatarina também já participou diversas vezes da Semana da Consciência Negra e Semana do Folclore, desfile da Semana da Pátria, Mostra de Oficinas da Fundação Franklin Cascaes e outros.



Foto: Viagem para o Chile.

A primeira performance foi montada em 2002 e apresentada na UDESC. O grupo foi convidado pela Prof^a. Dagmar Von Linsingen para abrir o Seminário de Estudos da Criança e do Adolescente, uma promoção da UFSC e UDESC. Como vinha gente de fora, foi montado um Boi-de-Mamão, porém não era um Boi tradicional, era um Boi-de-Mamão com bateria afro. Como o desempenho do grupo agradou muito, a partir daí surgiram outros convites.

A próxima idéia foi fazer uma performance que juntasse todos os alunos. Então foi montado, em 2003, o espetáculo *Buiu isso é real*, que falava de um menino de rua chamado

Buiu. A intenção não era fazer uma homenagem mas, sim, rever, pela capacidade imaginativa dos artistas, outras possibilidades para o adolescente que se envolveu com o tráfico e foi morto com um tiro na cabeça no morro do Mocotó.

Em 2004 foi montado o espetáculo *Boi Cidadão*, uma releitura do Boi-de-Mamão com bateria, dança afro e capoeira. Em 2005 foi montada uma performance bastante voltada para expressão corporal, *De África ao Africatarina - uma história do negro*. Foi recriada com narração, música e gestualidades que deram sentido às canções e ritmos afro-brasileiros. Atualmente o Grupo faz apresentações de percussão e boi-de-mamão, sempre que é convidado. A exigência do grupo é o transporte e alimentação das crianças e adolescentes.

Suas construções artísticas procuram reunir todos os participantes de seus projetos, em uma ação que permita a troca aberta de idéias, conflitos e solidariedade, formando um espaço de encontro cultural que permita a criação coletiva. As diferenças são problematizadas nas várias situações artísticas e pedagógicas que surgem ao longo do processo grupal.

A oficina de percussão acontece na comunidade da Lagoa do Peri. As aulas são ministradas por Edson Roldan. Participam da oficina aproximadamente vinte e cinco alunos, que ensaiam um repertório de quarenta músicas. As aulas acontecem na Escola da Associação Comunitária da Lagoa do Peri, duas vezes por semana. O grupo participa com frequência de eventos fazendo apresentações de até uma hora e trinta minutos, onde sempre ocorrem trocas importantes.

Segundo Edson Roldan os ritmos adotados pelo grupo são o samba, principal forma de música de raízes africanas surgida no Brasil, que no Africatarina é tocado em ritmo de samba enredo; e o samba reggae, um estilo de música surgido na Bahia e que nasceu da fusão do Samba com o Reggae. A inspiração para a montagem da oficina veio do bloco de carnaval Rastafari que tinha as letras de suas músicas sempre ligadas à cultura afro-brasileira e do grupo Olodum, uma das primeiras Organizações não Governamentais do movimento negro brasileiro que desenvolve ações de combate à discriminação racial, estimula a auto-estima e o orgulho dos afro-brasileiros, defende e luta para assegurar os direitos civis e humanos das pessoas marginalizadas, na Bahia e no Brasil e possui um Bloco-afro do carnaval da cidade de Salvador.

No repertório do grupo Africatarina, além do samba e do samba reggae, outros ritmos são misturados, como o funk, um tipo de música originado nas favelas do rio de janeiro; o maracatu, ritmo musical caracterizado principalmente pela percussão forte; e o forró, gênero musical que possui vários ritmos, como o xote, baião, xaxado, a quadrilha e outros, surgido no

Nordeste do Brasil. Os instrumentos usados pelo grupo são: o surdo, tambor cilíndrico de grandes dimensões com som profundamente grave; a caixa tambor que produz um som repicado; e o repenique, tambor pequeno tocado com a baqueta em uma das mãos e a outra mão toca diretamente sobre a pele. Edson Roldan afirma:

Os instrumentos são assim: três tipos de surdo. Surdo de primeira, o surdo de segunda, que fazem duas marcações, e o surdo de terceira, que é o que faz a virada da música. Ele vem redobrando em cima destas duas marcações. Aí temos a caixa, que é ela que dá o balanço, o gostoso da música. Sem a caixa ia ficar uma coisa muito pesada, ia ficar só o surdo marcando e redobrando e o repenique em cima. A caixa é a alma da bateria e esse repenique pode ajudar a caixa a encaixar ritmos muito diferentes um do outro. Cada instrumento tem uma batida, mas quando juntam todos eles fica uma coisa só, fica bem legal.

A oficina acontece à noite, pois Edson acredita que neste horário as crianças e adolescentes estejam mais expostos a situações de vulnerabilidade social. Edson afirma ainda que o percentual de alunos que participam da oficina e reprovam na escola é pequeno. Alguns apresentaram melhoras após começar a participar da oficina. Os alunos são bastante cobrados em relação à atenção e concentração.

Para Fátima Lima, a oficina de percussão é o carro chefe do projeto, por ser a mais conhecida, a que mais participa de eventos e que interage com os outros projetos da ONG, como o Boi-de-Mamão e o teatro.



Foto: Percussão durante apresentação

A oficina de teatro e Boi-de-Mamão acontecem juntas, durante duas horas de aula, e a professora que é também a fundadora da ONG intercala teatro e Boi-de-Mamão. As aulas acontecem uma vez por semana, na comunidade da Armação. O grupo começou com aulas de teatro, participando da oficina aproximadamente vinte crianças de nove a doze anos, que fazem cenas sobre a realidade da comunidade, atividades de expressão corporal, dança, leitura dramática, jogos teatrais e outras atividades afins. Atualmente o grupo está começando a montar o texto *Vivo numa ilha*, peça já montada anteriormente pelo Grupo A.



Foto: oficina de teatro

As atividades com o Boi-de-Mamão começaram a partir de um pedido de Roseli, que é coordenadora da Escola Dilma Lúcia dos Santos e animadora do Boi-de-Mamão na comunidade. O grupo participa com frequência de eventos dentro e fora da comunidade.



Foto: Boi-de-Mamão

Segundo Fátima Lima, o projeto Jovem Empreendedor é também para o Africatarina a realização de um sonho. Até então o grupo trabalhava com crianças de sete a dezessete anos. Como o projeto não tinha nada específico para jovens, os integrantes, após passarem por todas as oficinas, acabavam perdendo o interesse e saindo do projeto. Agora o Grupo está tendo a oportunidade de fazer um trabalho específico para jovens de até vinte e quatro anos. A oportunidade surgiu a partir de uma edital do ICom. Foram selecionadas dez instituições que, com o apoio do ICom, proporcionaram aos jovens um computador com acesso à internet. O ICom providenciou a capacitação dos educadores, oficinas de acompanhamento técnico e seis mil reais para viabilizar a participação das instituições no programa. Neste projeto, 20 jovens trabalham divididos em quatro grupos de cinco componentes e cada grupo está executando seu próprio projeto. São quatro projetos já aprovados que, de alguma forma, envolvem a comunidade.

Um dos projetos se chama Área de Lazer da Lagoa do Peri. O objetivo é urbanizar uma área de areia no Parque da Lagoa do Peri onde os adolescentes jogam futebol desde que são pequenos e onde agora pretendem colocar bancos, um campo de futebol, uma quadra de vôlei,

um parque infantil e uma cerca do lado onde passam os carros, para que o local fique mais seguro.

O segundo grupo de jovens está fazendo um filme de animação sobre o meio ambiente na Armação. O Projeto se chama “pintando uma nova realidade”. Não é um documentário, é uma ficção em que os personagens são inspirados em pessoas da comunidade. As vozes usadas para dublagem serão também de pessoas da comunidade. O objetivo do projeto é conscientizar as pessoas sobre o ambiente em que vivem e sensibilizá-los para mover ações em prol do mesmo.

O terceiro projeto é um projeto de reciclagem, onde cinco famílias irão juntar lixo. A idéia inicial era montar dez oficinas que seriam oferecidas à comunidade, para que o lixo fosse transformado em obra de arte. Porém, o projeto foi aprovado com a condição de que o pessoal do grupo se capacitasse e eles próprios fizessem os objetos de arte. O objetivo é conscientizar a comunidade para não poluir a natureza na Armação.

No quarto projeto, um grupo de adolescentes irá montar uma rádio escola na Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos. No começo a idéia era fazer uma rádio comunitária, porém o grupo percebeu que uma rádio comunitária seria muito difícil, pois seria necessária a concessão do Governo Federal. Um empreendimento deste tipo não caberia dentro deste programa, então a rádio comunitária foi transformada em rádio escola. A idéia foi muito bem aceita pela direção e coordenação da escola, que sempre quis ter uma rádio escola. A rádio vai informar aos alunos assembleias e eventos escolares. Também tem fim educativo podendo levar ao público informações ambientais, culturais, políticas, sociais, e outros. O objetivo é proporcionar mais comunicação entre a comunidade escolar.

Como o Africatarina foi a única ONG a ter os quatro projetos aprovados nesse edital, o ICom ofereceu apoio para mais três projetos que, por enquanto, ainda não começaram a ser escritos. Já existe, no entanto, a idéia de fazer um coral comunitário e uma pista de skate.

Além das melhorias e oportunidades que estes projetos podem trazer para a comunidade, um outro diferencial é o que Fátima Lima chama de agenda oculta. Sem perceber, durante treze encontros feitos em dois meses e meio, eles aprenderam a fazer um projeto cujo resultado influencia a vida pessoal e a vida da comunidade.

Em 2004, primeiro ano de sua existência, o bloco fez um tributo a Bob Marley. Em 2005 o tema foi “Buiu, Isto é Real”. Em 2006 Manifesta Negra, neste ano o bloco falou da cultura afrobrasileira. Em 2007 o tema foi “Som África, Sol Floripa, Sou Africatarina”.

Em 2008 o Bloco Africatarina trouxe como tema o meio ambiente. A música tocada se chamava *Vamos Salvar o Planeta*. De acordo com Fátima Lima, puxadora do Bloco desde o primeiro ano, é uma música simples, bem fácil de cantar, composta por Roberto Gil, morador da comunidade.

Em 2008 o bloco desfilou acompanhado da Kombi quebrada. A Kombi quebrada é uma Kombi bastante velha, mas que carrega um equipamento de som com potência suficiente para acompanhar um bloco de carnaval. Foi montada, há três anos, por funcionários da CELESC que participam da associação dos funcionários chamada, de ABECELESC – Associação Beneficente dos Funcionários da CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina). Além de acompanhar o Bloco a Kombi colocou o som nas noites de carnaval na comunidade da Armação.

Fátima afirma que o fato dela puxar o Bloco é um improviso que dura cinco anos:

Eu não canto sozinha. Só que as pessoas vêm e vão, passam, aí eu fico. Este ano tinha mais duas pessoas para cantar comigo, mas só tinha como ligar um microfone, que ligou na Kombi quebrada, então eu acabei cantando sozinha, o que não é a melhor coisa. Agora, nos próximos projetos do grupo de jovens a serem escritos, tem uma turminha que quer fazer um coral comunitário. Então, se a gente conseguir no próximo ano eu não cantarei, porque não dá mais. O problema é que não sou uma cantora. Eu gosto, eu amo, mas tem que ser alguém preparado.

Este ano o Bloco fez parceria com a Associação de Pescadores da Armação. O grupo guardava seus instrumentos na Associação e lá fazia os ensaios em dia de chuva. O Bloco se apresentou no Largo da Alfândega, desfilou na comunidade da Armação e abriu o desfile das escolas de samba. O mestre de bateria é Edson Roldan. A maior parte dos participantes é formada por crianças e adolescentes, porém tem a presença de adultos. Muitos dos participantes fazem também a oficina de percussão.



Foto: Tributo a Bob Marley (2004)



Foto: Buiu, Isto é Real (2005).



Foto: Manifesta Negra (2006)



Foto: Som África, Sol Floripa, Sou Africatarina (2007).



Foto: Vamos Salvar o Planeta (2008).

Os fundadores da ONG afirmam que a comunidade não se envolve muito e não responde como eles gostariam ao trabalho do Africatarina, a não ser alguns pais de crianças e adolescentes participantes do projeto. Mas, apesar do envolvimento não acontecer, as pessoas da comunidade não têm receio de mandar seus filhos para as atividades do grupo, pois confiam no projeto.

De acordo com Fátima Lima, o grupo tem uma boa relação com o grupo de jovens da igreja. Durante as saídas com as crianças e adolescentes sempre vão duas ou três mães junto. Dependendo da necessidade do grupo, a comunicação com as duas escolas, da Armação e da Lagoa do Peri é ótima, mas as pessoas não entram no dia-a-dia do projeto.

Em 2008, por exemplo, o Grupo vendeu menos camisetas do Bloco que nos outros anos, pois choveu muito. Então o público não aparecia nos ensaios. Além disso, o carnaval foi mais cedo, o que diminuiu o número de compradores e o tempo de venda. No dia do desfile, no entanto a comunidade foi em peso foi atrás do Bloco prestigiar o trabalho do grupo. Segundo Fátima Lima, a participação não é regular e não dá para prever como será. É importante

ressaltar que mesmo o envolvimento da comunidade não aconteça da forma como os fundadores gostariam, a comunidade não está distante e aceita o projeto.

Sempre que algum participante do projeto está com problemas de frequência ou nota na escola o pessoal da ONG fica sabendo e passa a cobrar um melhor resultado na escola. Os fundadores afirmam que as mudanças existem, mas variam de criança para criança. Fátima Lima afirma que é comum as crianças e adolescentes irem até a casa dela para pedir auxílio em trabalhos e tarefas escolares. Também existe um bom contato com a família que para Edson Roldan, também tem que cumprir o seu papel junto escola e à ONG.

Atualmente o Grupo Africatarina tem representações no CONSEG – Conselho de Segurança das Comunidades do Sul da Ilha, um órgão vinculado à polícia comunitária, que tem o objetivo de fazer segurança preventiva no Núcleo Distrital que trata do plano diretor. Sempre que tem reunião, alguém do Africatarina comparece. Em 2007, no dia em que se comemora a Independência do Brasil, o Africatarina desfilou junto com a Escola Dilma Lúcia dos Santos em passeata de apoio a uma reivindicação da comunidade. A comunidade queria que os terrenos ao lado da escola fossem doados pela prefeitura à mesma. Esta discussão fez parte das reuniões do Núcleo Distrital e a doação aconteceu logo depois.

Apesar da participação de pessoas da comunidade não ser tão expressiva como gostariam os fundadores do Africatarina, a ONG está bastante presente nas comunidades da Lagoa do Peri e Armação. Fátima afirma que as pessoas destas comunidades em geral conhecem o trabalho do grupo, os locais onde acontecem as oficinas, o ensaio do Bloco e a sua casa, local usado para correspondência e reuniões.

CAPÍTULO III

REFLEXÕES SOBRE O AFRICATARINA

Como se pode deduzir da descrição, o grupo Africatarina é uma ONG de pequeno porte, que tem sua atuação concentrada nas localidades da Armação e Lagoa do Peri. Os membros da ONG têm um grande envolvimento com os participantes dos projetos. Segundo Coelho (2002) um fator determinantemente forte no perfil dessas instituições é o perfil de seus fundadores. Nesse aspecto o Africatarina não se difere da maioria das entidades. Atua na comunidade que os fundadores moram e tem um trabalho pautado em valores que seus fundadores acreditam ser importantes para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. O grupo começou bastante focado na cultura afro-brasileira, presente até hoje nos trabalhos do, mas atualmente se considera multicultural.

Neste momento da exposição serão analisados três estilos musicais presentes no trabalho do Grupo Africatarina a partir do conceito de manifestações expressivas, segundo Martins, o conceito de costume, segundo Thompson (1998), o conceito de tradição segundo Giddens (2002). Os primeiros elementos a ser analisados são aqueles pertencentes à cultura afro-brasileira. Estes são elementos criados ou trazidos da África pelos negros vindos para o Brasil, podendo ser objetos de arte, música, religião, capoeira cozinha e outros. Na percussão praticada pelo Africatarina encontramos três ritmos pertencentes à cultura afro-brasileira.

O primeiro ritmo aqui analisado será o Samba. Segundo Souza gênero básico da MPB, originado nas casas das “tias” baianas da Praça Onze no centro do Rio de Janeiro e descendente das festas dos terreiros. Embora antes de *Pelo Telefone*, assinado por Ernesto dos Santos, o Donga, em 1917, outras gravações tenham sido registradas como samba, foi esta que, de acordo com Souza (2008), fundou o gênero. Em seguida, o Samba se espalha por diversos morros e primitivas favelas de onde brotam novos sambas e sambistas.

Para Souza o samba ganhou *status* através do reconhecimento de intelectuais como Villa-Lobos, que organizou uma histórica gravação com o maestro erudito estadunidense Leopold Stokowski no navio *Uruguai*, em 1940, do qual participaram Cartola, Donga, João da Baiana, Pixinguinha e Zé da Zilda, grandes nomes do samba (2008: s.p.).

No Grupo Africatarina o Samba é tocado em ritmo de samba enredo. É o estilo cantado pelas escolas de samba durante os desfiles de carnaval. A letra do samba-enredo, normalmente, conta uma história que servirá de enredo para o desenvolvimento da apresentação da escola de samba. Em geral, a música é cantada por um homem, acompanhado sempre por um cavaquinho e pela bateria da escola de samba, produzindo uma textura sonora complexa e densa, conhecida como batucada.

Segundo Pessanha (2008), as escolas de samba estão baseadas em áreas onde a gama maior de moradores é afro-descendente. Embora o samba-enredo tenha um caráter dinâmico, interaja e sofra influência de diversas culturas, ele pode ser considerado uma prática tradicional da cultura afro-brasileira. Pessanha afirma que mesmo sendo praticado por outros grupos de outras classes ou outras etnias, com frequência suas letras preservam e divulgam valores e signos da cultura afro-brasileira. Surgiu como e é até hoje um costume dos afro-descendentes.

O samba-enredo, por divulgar e preservar valores e signos, resgata a identidade da cultura afro-brasileira. É uma manifestação artística que apresenta um caráter estético. No contexto do grupo Africatarina temos a presença do samba-enredo na oficina de percussão e no bloco de carnaval. Na oficina de percussão geralmente são ensaiados alguns samba-enedos já conhecidos pelo público. São cantados por Edson Roldan e acompanhados pela bateria. Nesta oficina se observa uma grande mudança de significado na utilização do samba-enredo e as músicas tocadas são utilizadas como repertório do grupo durante apresentações.

Também temos a presença do samba enredo no bloco de carnaval. Neste contexto a letra serve de enredo para o desenvolvimento da apresentação. O bloco Africatarina desfila há cinco anos e cada ano com um samba-enredo diferente. Destes cinco, três trazem como tema a cultura afro-brasileira. No bloco de carnaval do Africatarina o samba-enredo, que geralmente é cantado por um homem, é cantado por Fátima Lima, acompanhada pela bateria composta não apenas por adultos, mas também por crianças e adolescentes. O mestre de bateria é Edson Roldan.

No caso do bloco, embora a montagem seja um evento bem menor que um desfile de escolas de samba, nos dois contextos a letra da música serve de enredo para o desenrolar de uma apresentação. Pode-se observar, portanto, que no bloco a ressignificação do samba-enredo se aproxima mais do contexto original.

O outro ritmo bastante tocado pelo grupo é o Samba reggae, estilo musical definido na Bahia. Segundo Guerreiro (2008) este gênero foi criado na década de 1980 pelos blocos afro-carnavalescos. É um estilo percussivo que se caracteriza pela apologia do negro. Segundo este

autor, o ritmo é uma recriação estética, que tem como base manifestações carnavalescas. A soul music, música negra estadunidense, traz um termo que implica que o negro nos Estados Unidos tem alma, aludindo ao abuso sofrido frente aos homens brancos. O samba reggae tem também como base o trabalho do ídolo Bob Marley e o movimento rastafari.

Este ritmo tem um caráter identitário, pois se caracteriza pela apologia ao negro. Tem como base manifestações carnavalescas, a soul music e o músico Bob Marley. Surgiu na Bahia, o estado brasileiro que tem o maior número relativo de negros e mulatos, ou seja, foi criado por uma população afro-descendente. Portanto, é um estilo musical que resgata a identidade da população afrobrasileira e, por se tratar de uma manifestação artística composta, ainda segundo Guerreiro, também por figurinos e coreografia, apresenta um caráter estético. Portanto, o samba reggae pode ser considerado uma manifestação expressiva.

No contexto do grupo Africatarina o samba reggae tem uma importante participação na composição do repertório da oficina de percussão. Diferente do samba reggae tradicional, não é acompanhado por coreografia e figurino específico.

O terceiro ritmo é o Maracatu, um ritmo tradicional de Pernambuco, estado da região do nordeste do Brasil. A percussão tocada em ritmo frenético é baseada em tambores, chamados de alfaias. O Maracatu é considerado uma manifestação cultural da música folclórica afro-brasileira.

Segundo Nascimento (2005), o maracatu surgiu a partir de um costume que existiu em nível nacional, chamado *Instituição do Rei do Congo*. É uma forma de celebração encontrada pelos colonizadores portugueses para melhor exercerem seu poder hegemônico junto aos negros de outrora. Na celebração, toda a escravaria, inclusive os libertos, reunia-se para homenagear os reis negros, designados de forma vitalícia a partir de 1624. Nascimento afirma ainda que,

Os reis e rainhas escolhidos passavam a governar ‘nações’ de negros, com o apoio da Igreja Católica, do governo e dos senhores brancos, que em determinados dias assistiam às festas de coroação nos adros das igrejas; dessas *nações*, a dos Congos era a que mais se destacava dentro das irmandades religiosas negras (2005:11).

Por ter sido originado a partir desse costume é que um cortejo real acompanha a percussão. A maneira que se dança o Maracatu lembra as danças do candomblé. Pode ser considerada uma manifestação expressiva, pois apresenta um caráter estético, identitário e resgata um costume das nações negras trazidas para o Brasil, podemos dizer que o maracatu é

um elemento cultural que faz com que a história não se perca e que ajuda na reconstrução da identidade cultural da população afro-descendente.

No grupo Africatarina o maracatu não é acompanhado pelo cortejo real. É tocado pelos alunos da oficina de percussão durante as aulas e ensaios. Não diferente dos ritmos descritos anteriormente, ele compõe o repertório do grupo e é mais uma manifestação da cultura afro-brasileira.

Podemos observar então uma forte presença da cultura afro brasileira no Grupo Africatarina. Na oficina de percussão as manifestações expressivas encontradas pertencem ao eixo musical e, por estarem em um contexto social diferente do original, sofreram transformações, elementos como indumentária e danças específicas de cada manifestação foram retirados ou adaptados para o contexto do grupo. Na oficina de percussão estas manifestações são praticadas por crianças e adolescentes durante ensaios e apresentações nas quais os participantes usam um figurino bem atual composto por tênis, bermuda, camiseta e bonés. As cores que predominam são vermelho, amarelo e verde. Os instrumentos também são pintados com estas mesmas cores.

No caso do bloco de carnaval, que utiliza o samba-enredo, o contexto é mais próximo do contexto original das escolas de samba. Nos dois casos o samba serve de enredo para o desenvolvimento de uma apresentação feita durante o carnaval.

Apesar das transformações decorrentes da reprodução destes ritmos no contexto do Africatarina, estas práticas pertencem ao ciclo curto, pois tradicionais da cultura afro-brasileira. Embora a comunidade da Lagoa do Peri não seja um reduto de afro-descendentes, considero pertinente o trabalho e o resgate da cultura afro-brasileira feito pelo grupo, pois esta já é reconhecida como identidade nacional. É importante lembrar que o grupo está aberto a outras culturas, já tendo misturado com os ritmos afro-brasileiros o funk e o forró.

A reconstrução destas tradições, a partir do contexto local, reafirma a dinâmica da cultura e instaura uma nova originalidade na medida em que ressignifica as manifestações apropriadas.

O Boi-de-Mamão, segundo Beltrame (1995), é uma das manifestações populares mais difundidas no Estado de Santa Catarina. Tal manifestação é comumente encontrada em muitos municípios do litoral catarinense, destacando-se as regiões de São Francisco do Sul, Itajaí, Florianópolis, Tubarão e Laguna, onde diversos grupos de Boi saem com frequência.

A brincadeira do boi existe com diversos nomes em vários lugares: bumba-meu-boi, boi-bumbá, boi-de-reis, entre outros. Aqui é chamada de Boi-de-Mamão, pois conta-se que certa vez em Santa Catarina, com pressa para fazer a cabeça para um boi de pano foi usado um mamão verde, o que levou a denominar-se Boi-de-Mamão. Mas há quem contrarie esta versão e diga que o nome vem do boi que mama (Beltrame, 1995).

De acordo com Beltrame, existe uma dramaturgia na brincadeira do Boi-de-Mamão, a história conta o drama do boi que fica doente, morre e é ressuscitado. A história se divide em cenas cada qual com música, letra e seu personagem principal próprio. Alguns dos personagens dependem da atuação de um manipulador, que atua escondido dentro de um arcabouço. Há também a presença de um coro que acompanha toda apresentação, cantando versos alusivos às figuras e à dramatização. Responsável por abrir a brincadeira o é coro a primeira imagem vista pelo público. O início da função instala-se com a chegada do coro em cena.

O Boi-de-Mamão do grupo Africatarina é praticado em seu contexto original, já que a comunidade da Armação, lugar onde o grupo atua, fica localizada no litoral de Santa Catarina. Porém, Fátima Lima não considera o Boi-de-Mamão do Africatarina um grupo tradicional. Geralmente os componentes dos grupos de Boi-de-Mamão são adultos e o coro é acompanhado por instrumentistas que tocam violão, cavaquinho e pandeiro. No Africatarina as letras das músicas, a dramaturgia e os personagens são mantidos, porém a brincadeira do Boi é feita por crianças de nove a treze anos e, em vez do coro, quem acompanha é a bateria da ONG.

Esta é uma prática que faz parte do ciclo curto de transformações estéticas. Mesmo com estas transformações a manifestação praticada pelo grupo Africatarina a prática continua sendo a brincadeira do boi-de-mamão uma prática tradicional do litoral de Santa Catarina. O boi-de-mamão do grupo Africatarina está em plena atividade, mas pode sofrer ajustes no sentido de ser ampliado, com maior empenho de colaboradores e de recursos para a montagem de novos bonecos do boi.

O curso de teatro sofreu a perda de um arte-educador, mudou-se da Armação para a Lagoa do Peri, passou a funcionar junto a oficina do Boi-de-Mamão o que, segundo o Plano de Desenvolvimento da Instituição, está sobrecarregando as aulas. Porém, atualmente, devido à falta de tempo da arte-educadora que ministra a oficina, é necessário que aconteça assim. Durante as aulas observei improvisações teatrais que tinham como tema assuntos discutidos no plano diretor da comunidade. Percebi o método como uma ótima forma de conscientizar crianças a respeito do desenvolvimento da sua comunidade. Durante as cenas, de forma espontânea, as crianças acabavam expressando suas posições em relação às mudanças.

Assim, o Boi-de-Mamão, visto aqui como manifestação expressiva, possui características incorporadas do meio onde é engendrado, reafirmando que a arte faz sentido apenas no contexto onde é gerada.

O Projeto Jovem Empreendedor é o mais recente empreendimento da ONG, e ajuda a refletir sobre o conceito de empoderamento. Alguns aspectos relativos a este conceito foram observados no trabalho do grupo: como a condução das reflexões e montagem dos projetos é feita pelo educador, de que forma as integrantes do projeto estão participando do desenvolvimento da comunidade, como estes a influenciaram, entre outros aspectos relevantes.

O grupo é dividido em equipes. Uma delas vai fazer uma animação sobre o meio ambiente na Lagoa do Peri. Já recebeu a verba e está começando a fazer os desenhos e a fotografar as áreas problemáticas da Lagoa do Peri. Os outros grupos ainda estão resolvendo questões de orçamento. O próximo grupo que vai receber a verba é o da rádio escola. Esta verba deve ser entregue diretamente nas mãos dos adolescentes, para que estes tenham a oportunidade de aprender a administrar o dinheiro. A idéia é trabalhar com a emancipação social. Os jovens que participam desta atividade, orientados por Fátima Lima, construíram projetos, que estão sendo executados e vão gerar uma transformação social. Os participantes, tanto o educador quanto o educando, passam a ter uma postura de agentes sociais.

O grupo de vinte jovens, divididos em quatro equipes de cinco componentes cada uma, ao escrever os projetos partiram de situações concretas de sua vivência o que, segundo Amâncio [2007] permite que o aprendido transforme e reinvente a realidade. Dois grupos escolheram ações ligadas ao meio ambiente. O grupo que está fazendo a animação tem a idéia de usar a arte como instrumento de transformação. O filme curta metragem que será montado pela equipe em forma de animação, conta a história de uma menina de doze anos. Na ficção esta menina é uma artista, moradora da comunidade e usa sua imaginação para desenhar os terrenos e locais sujos da comunidade, transformando-os, em seus desenhos, em lugares agradáveis. A animação procura mostrar a angústia da personagem principal em relação ao meio ambiente. A menina expressa em seus trabalhos uma realidade melhor. O grupo da reciclagem, que também trabalha com meio ambiente, irá distribuir lixeiras para que cinco famílias da comunidade separem e reciclem o lixo. Este será transformado em objetos de arte pelos componentes da equipe. A idéia desses grupos é conscientizar a comunidade sobre o ambiente em que vive, para que esta se preocupe em reciclar o lixo e mover ações em prol da natureza nas comunidades da Armação e Lagoa do Peri, buscando uma maior preservação.

O projeto da Área de Lazer pretende urbanizar uma área da Lagoa do Peri usada como campo de futebol. Quer com esta transformação promover o bem-estar e lazer seguro para a comunidade. O quarto grupo, com a rádio escola, quer proporcionar à comunidade escolar uma melhor comunicação, beneficiando alunos, professores, funcionários e demais pessoas da comunidade que freqüentam a escola. A rádio deve atuar no dia-a-dia da escola e durante eventos.

Dentro do projeto Jovem Empreendedor todas as etapas são um exercício de aprendizagem. Os participantes estão se capacitando para a organização comunitária. O cotidiano, tanto pessoal quanto social destes jovens, está no centro das reflexões. Segundo Amâncio um trabalho pautado nestes princípios potencializa a capacidade dos indivíduos. Amâncio afirma ainda que:

Como pode ser observado, na abordagem educacional/participativa, o agente externo, chamado de interventor assume um papel educativo que visa identificar grupos com interesses comuns orientar a comunidade na identificação dos problemas e promover a organização inicial do grupo que, por conseguinte, tem um papel totalmente ativo, diagnosticando e estabelecendo meios para solucionar os problemas bem como suas causas [2007:13].

Ao observar o grupo percebe-se um trabalho pautado em princípios que geram o empoderamento. Estes jovens, ao participar do projeto, adquirem a capacidade de influenciar no processo de desenvolvimento de sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ONG Africatarina proporciona oportunidades para diversos jovens através de um trabalho de ação social. Segundo Fátima Lima, a Lagoa do Peri e Armação são comunidades que ainda vivem num ritmo de vida mais calmo que o da maioria das comunidades de Florianópolis. É natural que este ritmo mais acelerado de vida chegue até essas duas comunidades que, conseqüentemente, sofrerão mudanças.

Pode-se considerar que a ONG Africatarina ampara jovens e crianças neste processo de mudança, proporciona aos participantes a valorização e o resgate da sua cultura. É também através das atividades da ONG que muitos desses participantes tomam consciência dos benefícios e problemas que o desenvolvimento traz, podendo atuar de forma transformadora no dia-a-dia de sua comunidade.

Envolvidos em atividades que ocupam seu tempo, educam, levantam a auto-estima e geram um poder de transformação tanto no sentido pessoal quanto social. Os participantes acompanham e se inserem com mais facilidade nesta mudança. Sem estar à margem dos acontecimentos, tornam-se menos suscetíveis ao envolvimento com drogas e outras atividades ilícitas.

A ONG Africatarina é uma instituição pequena, que constantemente faz reuniões, participa de editais, faz parcerias, promove eventos e outras atividades que possibilitam sua funcionabilidade. O grupo, que já atuou no Monte Cristo e Agrônômica, hoje está presente apenas na Armação e Lagoa do Peri. Segundo Fátima Lima, atender uma área menor torna a ação mais eficaz. Com a observação do trabalho do grupo percebi os fundadores muito envolvidos com a comunidade. Um dos fatores que contribuem para isto é o fato de Fátima Lima e Edson Roldan morarem na Armação, isto faz com que eles conheçam vários dos demais moradores, participem de órgãos como o Conselho de Segurança e o Núcleo distrital, compreendam os problemas da região. Porém, morar na comunidade em que a ONG atua não é o único fator que contribui para o envolvimento. A disponibilidade dos fundadores, que dedicam seu tempo com aulas, reuniões, eventos e outras atividades, é muito importante. Os fundadores contam com a colaboração de alguns pais que formam o núcleo gestor do Africatarina, todos membros efetivos e voluntários. Estes se envolveram no grupo por se

sentirem identificados com a causa, com o complemento à educação dos filhos e com a comunidade.

De maneira geral pode-se considerar que os projetos da ONG abrem portas para o raciocínio, o pensar, a disciplina, atividades saudáveis e a socialização das crianças e adolescentes. Até o momento, o papel da organização na comunidade tem sido positivo. Porém, para os fundadores, é pequena a quantidade de arte-educadores envolvidos nos projetos de forma contínua e não passageira, falta também mais participação por parte de membros que assumiram cargos recentemente no grupo. Por não se envolverem muito, acabam não tendo a iniciativa de cumprir algumas tarefas.

Dos três projetos do grupo, o de Arte-Educação, o Bloco de Carnaval e o Jovem empreendedor, o que tem mais facilidade para captar recursos é o Bloco de Carnaval. Este projeto tem maior visibilidade na cidade e na comunidade. Os recursos investidos no bloco multiplicam-se e são injetados no Projeto Africatarina. Este é o principal investimento na auto-sustentabilidade do grupo. Apesar de atualmente contar com o importante apoio de parcerias, não são deles que provém todos os recursos necessários. Os projetos têm relativa independência para continuarem existindo, mesmo com o fim de parcerias. O projeto mais estável é o projeto mais antigo *Projeto Africatarina de Arte-Educação*.

Segundo o PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional do Grupo Africatarina, a entidade vive um momento relativamente estável. Uma grande dificuldade encontrada é manter o núcleo gestor ativo. O projeto mais recente - Jovem Africatarina – está empolgando os novos membros do Núcleo Gestor, pois é o primeiro que eles conseguem acompanhar desde o começo. Este projeto trouxe para o ambiente jovens que não haviam participado dos outros projetos e conta com a proximidade no cotidiano.

O grupo vê como seu ponto forte os projetos em realização. Os arte-educadores são qualificados. A missão do grupo Africatarina é arte-educação como ação afirmativa e inclusão social, através de um trabalho pautado na criatividade, aquisição do conhecimento, disciplina e diversidade cultural, étnica e social.

Este foi meu primeiro trabalho de pesquisa, uma experiência muito significativa. Minha maior dificuldade encontrada foi perceber quais aspectos do trabalho do grupo poderiam ser explorados e analisados. Acredito que houve esta dificuldade por nunca ter feito um trabalho deste tipo. Refleti sobre alguns aspectos, porém percebo que o trabalho do grupo ainda tem pontos a serem discutidos. Este trabalho fecha aqui, mas considero importante ressaltar que o grupo Africatarina, através de seu trabalho, construiu uma identidade própria que merece ser ainda mais explorada.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. "A 'revisão da bibliografia' em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis - o retorno" in: BIANCHETTI, Lucídio & MACHADO, Ana Maria N. (orgs.). **A Bússola do Escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações**. Florianópolis: EDUFSC; São Paulo: Cortez, 2006. Pp. 25-41.

BELTRAME, Valmor. **Teatro de Bonecos no Boi-de-Mamão: Festa e Drama dos Homens do Litoral de Santa Catarina**. Dissertação de mestrado – USP. São Paulo, 1995.

COELHO, Simone de Castro Tavares. **Terceiro setor: um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos**. São Paulo: SENAC, 2002.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1996.

DAMATTA, Roberto. "Você tem cultura?" In: Explorações. **Ensaio da sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p 121 –128

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Administração de Organizações Sem Fim Lucrativo: práticas e princípios**. São Paulo: Pioneiro, 1995.

DUVIGNAUD, Jean. "Problemas de sociologia da arte" in: VELHO, Gilberto (org.). **Sociologia da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. Pp. 23 – 36.

GIDDENS, Anthony. "Tradição" in: **Mundo em Descontrole – o que a globalização está fazendo de nós**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. pp. 47-60

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1995.

HUDSON, Mike. **Administrando Organizações do Terceiro Setor : o desafio de administrar sem receita**. São Paulo: Makron Books, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

LIMA, Fátima Costa. **Do A ao Africatarina, do teatro à ação social, histórias de arte e de vida**. 2005 (Inédito).

MARTINS, Pedro. "A tradição e o espetáculo como estratégia de inserção social de grupos migrantes." Anais do VII RAM. Porto Alegre, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Ciência Técnica e Arte: O Desafio da pesquisa social in: Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

THOMPSON, E. P. "Introdução: costume e cultura" in: **Costumes em Comun. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 13-24.

AMÂNCIO, Cristhiane. **Educação Popular e Intervenção Comunitária: Contribuições para a reflexão sobre empoderamento**. CPDA/UFRRJ [2007]

ARAÚJO, Izabel Cristina Mota. **Educação popular e trabalho: valores éticos fundantes da educação popular nas práticas pedagógicas em cursos profissionalizantes da Usina Catende** – Anais do V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 2005.

ELSEN, Ingrid. **Construindo movimentos para o fortalecimento da família**. Família Saúde Desenvolvimento. Curitiba, p.265-272, 2006.

GUERREIRO, Goli. **Samba-Reggae, um ritmo atlântico: a invenção do gênero no meio musical de Salvador, Bahia**. Disponível em: <http://www.hist.puc.cl/iaspm/lahabana/articulosPDF/GoliGuerreiro.pdf>, 2008
Acesso em: 3/ 6/ 2008

KALK, Andréas. A cooperação entre uma ONG e os Estados “anfitriões” no controle da ranceniase na América Latina. **Cad. Saúde Pública vol.19 no.2** Rio de Janeiro, 2003.

MENDES, Rodrigo. “O que é uma ONG?” Disponível em: <http://www.direitonet.com.br>, 2007. Acesso em: 11/10/2007.

NASCIMENTO, Mariana Cunha Mesquita. **Orgulho e preconceito: considerações iniciais sobre a trajetória do Maracatu Rural, visto pela mídia pernambucana**. Disponível em: <http://veredas.favip.edu.br/index.php/veredas/article/viewPDFInterstitial/45/43>, (2005). Acesso em: 2/ 6/ 2008

PELLUZO, Susan. **Desenvolvendo sua organização**. Disponível em: <http://books.google.com.br>, 2007. Acesso em: 11/10/2007.

PESSANHA, Andréa Braga. De Isabel a Zumbi: para uma análise do universo cultural e simbólico afro-brasileiro através de sambas-enredo de 1986 a 1996. **Revista Urutágua, N° 09**. Maringá – Paraná, 2008 (DCS/UEM)

SOUZA, Tárik. **A música brasileira em sua essência**. Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernob/2003/12/15/jorcab20031215001.html>, 2008. Acesso in: 5/ 6/ 2008